

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, R. S. A. **Software educacional ou Caráter Educacional do Software?.** Revista Tecnologia Educacional, 1998
- ADORNO, T. **A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas.** In: Dialética do esclarecimento. RJ: Zahar, 1985
- ALMEIDA, M.J. **Imagens e sons: a nova cultura oral.** 2^a. edição. Coleção Questões Da Nossa Época. Cortez editora, São Paulo, 2001.
- ALVES, N. **Romper o cristal e envolvermo-nos nos acontecimentos que se dão: os contatos cotidianos com a tecnologia.** In: LEITE, M. e FILÉ, V. (orgs) Subjetividade, tecnologias e escolas. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2002
- BARBOSA, B.O. **A rebeldia do/no cotidiano: regras de consumo e usos transgressores das tecnologias na tessitura da emancipação social.** In: LEITE, M. e FILÉ, V. (orgs) Subjetividade, tecnologias e escolas. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2002
- BELLONI, M.L. **O que é mídia-educação.** Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. Editora Autores Associados. São Paulo, 2001
- BENJAMIM, W. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica.** In: Obras Escolhidas I . SP: Brasiliense, 1985
- BUSATO, L.R. **O binômio comunicação e educação: coexistência e competição.** Cadernos de Pesquisa, n 106, Março, 1999
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização .** 4^a ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999
- CANDAU, VERA (org). **Sociedade, Educação e Cultura(s)- Questões e propostas.** Petrópolis, RJ:Vozes, 2002
- CANEN, A. **Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares.** São Paulo: Cadernos de Pesquisa nº 111, p.135-149. Dezembro de 2000
- CARNEIRO, R. **Informática na Educação –representações sociais do cotidiano.** Coleção Questões da nossa época. Cortez Editora. São Paulo: 2002
- COSCARELLI, C. V., **“O Uso da Informática como Instrumento de Ensino-Aprendizagem”**, PRESENÇA PEDAGÓGICA, v. 4n. 20 mar./ abr. 1998

- DAYRELL, J. **A escola como espaço sócio-cultural**. In: Dayrell, J. (org).
Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG,
1996
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos S. Abreu. Rio de
Janeiro: Contraponto, 1997
- DUARTE, R. **Cinema e educação**. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2002
_____ Estudantes Universitários e Consumo de Filmes: Produção e
Apropriação de Significados. Anais da ANPED
- ECO, U. **A obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1976
- ELIAS, M. de F.F. **O adolescente diante da telenovela**. Comunicação &
Educação, São Paulo (11):35 a 47, jan/abr.1998
- ERICKSON, F. **Qualitative Methods in Research on Teaching**. In: Wittrock,
M.C. Handbook of Research on Teaching. New York: Macmillan Publishing
Company. 1986
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura – as bases sociais e epistemológicas
do conhecimento escolar**. Artes Médicas. Porto Alegre, 1993
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática
educativa**. 21ª edição São Paulo: Paz e Terra, 1996
- FREITAG, B. **Política Educacional e Indústria Cultural**. Cortez Editora. São
Paulo: Autores Associados, 1989
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. LTC Editora. Rio de Janeiro, 1989
- GOMES, P.G. e COGO, D.M. **O adolescente e a recepção televisiva**. Verso &
Reverso. Ano XI. No. 23. jul/dez. 1997
- GREEN, B. & BIGUN, C. **Alienígenas na sala de aula**. In: SILVA, Tomaz
Tadeu da (org). Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos assuntos
culturais em Educação. RJ: Vozes, 1995
- GUIMARÃES, G. **TV e Escola: discursos em confronto**. 2ª edição. Coleção
Questões Da Nossa Época. Cortez Editora, 2000
- GUTIÉRREZ, F. **Dimensão Pedagógica das novas tecnologias da informação e
comunicação**. PORTO, T.M.E. (org) Redes em construção: meios de
comunicação e práticas educativas. Araraquara: JM Editora, 2003
- HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992

- IMENES, C. **Os espaços/tempos do cotidiano escolar e os usos das tecnologias.**
In: LEITE, M. e FILÉ, V. (orgs) *Subjetividade, tecnologias e escolas.*
DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2002
- JAMESON, F. **Pós-modernismo e a lógica do capitalismo tardio.** São Paulo:
Ática Editora, 1997
- JUNQUEIRA, Lília. **Interpretações da juventude sobre os papéis femininos na
televisão: um estudo das representações dos valores da novela Renascer.**
Cadernos de Antropologia e Imagem, RJ,10(1):169-184, 2000
- KEHL, M.R. **Imaginário e Pensamento.** In. *Sujeito: O lado oculto do Receptor.*
SP: Brasiliense, 2002
- LACERDA, P. **A Vingança dos Anexos ou Como a elaboração de um
questionário tornou-se, ela mesma, uma pesquisa.** Dissertação de
Mestrado. Puc-Rio, 2000
- LAZAR, J. **Escola, Comunicação, Televisão.** Porto – Portugal. Rés-Editora(s/d)
_____ **Mídia e Aprendizagem.** In: 2002
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M.E.D.A **Pesquisa em educação: abordagens
qualitativas.**São Paulo: EPU, 1986
- LDB – **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional** – No.9394/96 –
Dez/96
- LEAL, O.F. **Etnografia de audiência: uma discussão metodológica.** *Sujeito: o
lado oculto do receptor.* SP: Brasiliense, 2002
- LEITE, M. C. R. **Onde está a tecnologia no curso de pedagogia?**
- LÉVY, P. **A emergência do Cyberspace e as mutações culturais.** *Ciberespaço:
um hipertexto com Pierre Lévy.* Pellanda, E.C. (org). Artes e Ofícios, Porto
Alegre: 2000
- _____ **O que é o virtual.** Editora 34, São Paulo, 1996
- _____ **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 3^a.
Edição Edições Loyola, São Paulo, 2000
- LUCENA, C. - **Professores e aprendizes na Web: a educação na era da
Internet.** Org. Nilton Santos. RJ – Clube do Futuro, 2000
- MACHADO, C. G. **Multiculturalismo, muito além da riqueza e da diferença.**
DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2002
- MCLUHAN, M. **O meio são as massa-gens.** Record, Rio de Janeiro, 1969

- MARASCHIN, C. **Conhecimento, Escola e Contemporaneidade**. Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy. Pellanda, E.C. (org), Ed Artes e Ofícios, porto Alegre:2000
- MARTIN-BARBERO, J. – **Dos Meios às Mediações**. RJ. 2 ed. Editora UFRJ, 2003
- _____ – **Os exercícios do ver**. SP. Ed. Senac, 2001
- _____ – **Novos Regimes de Visualidade e Descentralizações Culturais**. Mediamente,Brasília/DF: MEC, 1998 p. 17-40
- MARTÍNEZ, M.E. **Cultura no Singular ou cultura no Plural? As reformas educativas no Brasil e na Argentina nos anos 90**. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, 2000
- MOITA LOPES,L. P. da. **Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002
- MORAN, J.M. "Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas" In:Moran, J.M. (org) **Tecnologias na Educação e Mediação Pedagógica**. RJ:Papirus, 2001
- OLIVEIRA, I. B **Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação**. In: OLIVEIRA I. B e ALVES, N. (orgs) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 2^a. edição
- OLIVEIRA, I. B. e SGARBI, P. **Redes culturais, diversidades e educação**. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2002
- OROZCO,G. **Hacia una Dialectica de la Recepción Televisiva: La Estructuración de Estrategias por los Televidentes**. IN: Revista Comunicação e Política: comunicação na América Latina, CBELA (Centro Brasileiro de Estudos Latino-americanos), XIII, N° 22- 25 de 1993.
- _____ **Televisión, Audiencias y Educación**. Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación, Grupo Editorial Norma, 2001.
- PACHECO, E. D. (org) **Televisão, Imaginário e Educação**. Campinas, Papirus, 1998

- PENTEADO, H.D. **Televisão e escola: Conflito ou Cooperação?** 2ª edição. Cortez Editora, São Paulo, 1999
- PÉREZ GÓMEZ, A.I. **A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001
- PCNEM – **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio** – MEC/SEMTEC – 1998.
- POSSARI, L.H.V. **De Comenius à Internet: possibilidades didáticas.** Cadernos de Educação, v.4, n.2, 2000.
- POSSARI, L.H.V. **Comunicação e educação: novo conceito de espaço(tempo).** Cadernos de Educação, v.5, n.1, 2001.
- PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO COLÉGIO PEDRO II - 2000
- PRETTO, N. **Desafios para a educação na era da informação: o presencial, a distância, as mesmas políticas e o de sempre.** In: BARRETO, R.G.(org) **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas.** Quartet, Rio de Janeiro, 2001
- RAMAL, A.C. **Educação na Cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem.** Tese de doutorado. PUC-Rio. 2001
- RICOEUR, Paul. **A identidade pessoal e a identidade narrativa.** O si-mesmo como um outro. Campinas. Papirus, 1991.
- ROLAND, B.S. **A construção de uma masculinidade homossexual na escola: uma análise sócio-discursiva de uma história de vida.** Dissertação de Mestrado, UFRJ, Letras, 2001.
- SALES OLIVEIRA, M.R.N. **Do mito da tecnologia ao paradigma tecnológico; a mediação tecnológica nas práticas didático-pedagógicas.** Revista Brasileira de Educação n. 18.Set/Dez 2001. Editora Autores Associados. RJ
- SANCHO GIL, J. M.. **A caixa de surpresas: possibilidades educativas da informática.** Revista Pátio, Ano 3, nº 9 – MAI/JUL 1999.
- _____. **A tecnologia: um modo de transformar um mundo carregado de ambivalência.** Para uma tecnologia educacional, Ed. ArtMed, Porto Alegre:1998
- SANTOS, B. DE SOUZA E NUNES, J. A: **Introdução: Para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade.** In: SANTOS, B. DE S. (org) **Reconhecer para Libertar.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003: (p. 25 -68)

- SANTOS, J.F. **O que é pós-moderno**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986
- SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997
- SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** Edições Loyola, São Paulo, 2002
- SOBRINHO, C. A. . **Informática no Ensino Fundamental: uma leitura de percepções docentes**. Dissertação de Mestrado. Puc-Rio, 1997
- SOUZA, M. G. **Educação e Diversidade Cultural: uma análise da proposta da Escola Plural do Município de Belo Horizonte , MG** – Dissertação de Mestrado - Departamento de Educação – PUC- Rio. 2000
- SOUZA, M.W. **Juventude e os novos espaços sociais de construção e negociação de sentidos**. Educação & realidade. Cultura, Mídia e Educação. V.22, n.2. Jul/Dez 1997. FAGED/UFRGS.
- SOUZA, M.W de. **Recepção e comunicação: a busca do sujeito**. Sujeito: o lado oculto do receptor. SP: Brasiliense, 2002
- VALENTE, J. A. **O uso inteligente do computador na educação**. Revista Pátio, 1997
- VELHO, G. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1981
- VELHO, G. **O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira**. Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1980
- WHITE, R. **Tendências dos estudos de recepção**. Comunicação & Educação. São Paulo, n.13, pgs 41 a 66, set./dez. 1998

ANEXOS

ANEXO 1

ANEXO 1



OBS: Infelizmente as fotos tiradas no audiovisual ficaram muito escuras e preferi não inseri-las neste trabalho.

ANEXO 2

ANEXO 3

ANEXO 4

ANEXO 5

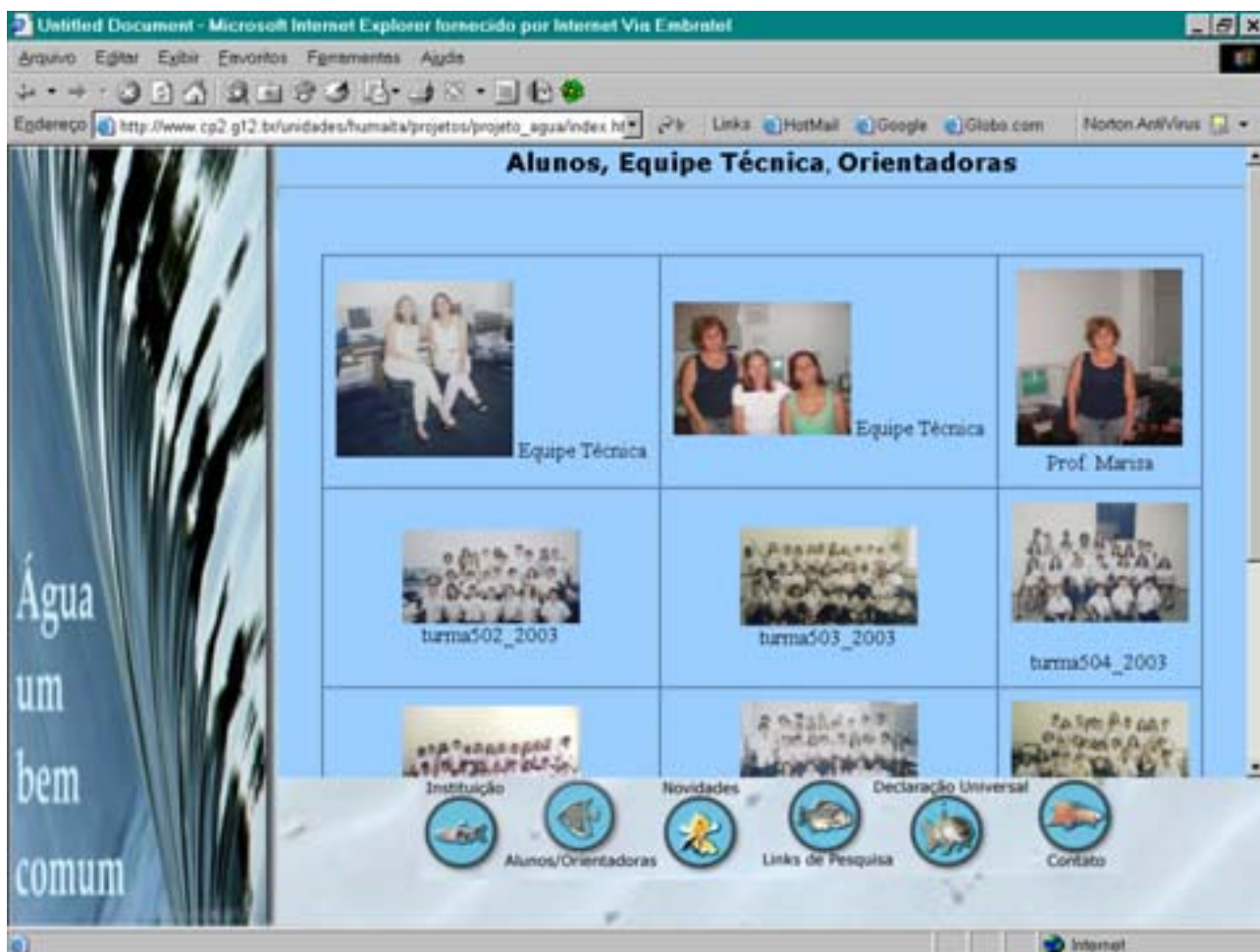
ANEXO 6

ANEXO 7

ANEXO 8

ANEXO 9

ANEXO 9



ANEXO 10

ANEXO 11

Transcrição da entrevista do Prof. responsável pelo setor de Mídias do Colégio 1

P: Eu gostaria que você começasse falando qual é a sua formação.

Eduardo: Eu sou programador visual, fiz escola de belas artes, eu gosto de frisar porque o pgm visual é diferente, ou o desenhista industrial, que a formação é a mesma, eu sou designer, né? Por que aqui no Brasil esse termo nunca ficou bem traduzido. Eu gosto de dizer que fiz na escola de belas artes porque isso faz uma diferença enorme. Minha formação é artística, acadêmica e depois com especialização numa área do mundo das artes que é o design, no caso, o design em duas dimensões mas que a interseção com a área do design em 3D já não faz muito sentido hoje em dia. Então minha formação original é essa, eu comecei a trabalhar nessa área, eu trabalhei em escritório de design durante pelo menos 10 anos, tive meu próprio escritório, isso me levou a trabalhar muito com a área de comunicação institucional e então num determinado momento fiz alguma especialização em direção de arte publicitária, em marketing, mas até esse momento a minha atuação era muito voltada para a comunicação institucional, comunicação interna de empresas. Por outro lado, sempre gostei muito de educação, trabalhava voluntariamente com educação aqui no colégio, fui aluno daqui, então aqui a gente tinha movimento jovem de igreja, acaba que isso se mistura muito com a própria atividade educacional do colégio, então a atividade educacional, o fazer educacional, a questão de liderança de grupo, as questões de vc trabalhar temáticas diversas com jovens, adolescentes e crianças, isso foi me criando um interesse muito grande por essa área. Quando eu já no 1º período de faculdade 1980, eu tive meu primeiro contato com uma disciplina chamada Teoria da Percepção que na verdade estuda a psicologia da percepção, como é que o olho vê, como a mente pensa por imagens é um domínio essencial para um comunicador visual, que é o meu caso, então isso me fascinou muito, eu fiz um estudo, estudei muito essa área e cada vez mais os links com outras atividade que eu tinha ligado a criança, ao jovem, ligada à atividade educacional começava a se formar na minha cabeça e desde muito cedo, desde o 1º ou 2º período de escola eu decidi na minha cabeça que eu queria trabalhar com comunicação e educação, naquela época, 82, 81, aqui no Brasil, ninguém pensava E pelo 3º ano de faculdade eu tive contato com uma publicação inglesa chamada exatamente Media Education, depois eu vim saber que Media Education, que a gente aqui no Brasil introduziu como Mídia Educação já era matéria obrigatória nas escolas no Reino Unido e isso me fascinou muito, eu fui no British Council, descobri uma série de coisas que eram feitas lá, enfim, comecei a me comunicar com essa área que para mim era uma descoberta nova e no Brasil uma coisa completamente inusitada naquele momento. Até aquele momento eu trabalhava em publicidade, comunicação visual, comunicação institucional, essas coisas se embolavam, como se embolam mesmo na vida dos profissionais dessas áreas e aí tem 3 coisas que acontecem mais ou menos simultâneas. Primeiro é uma crescente insatisfação minha em trabalhar na área do mercado, porque eu me sentia educando, mas educando para valores e questões muito contrários às minhas crenças e educando de uma maneira muito eficiente porque são instrumentos muito poderosos. Por outro lado essa insatisfação foi, foi até que gerou uma crise em que eu decidi em 89, 88 sair dessa área e trabalhar só com

educação. Essa crise se transforma numa busca de alternativas, então comecei a trabalhar com ensino de educação artística com crianças numa escolinha de artes para crianças que trabalhava com uma proposta interessante de artes integradas, então isso começou a criar novos horizontes, novas possibilidades na minha cabeça. Quando eu estava no último ano da faculdade, eu tinha um projeto, aquele clássico projeto prá apresentar. Nós que fazemos programação visual, desenho industrial, design, a gente passa todos os anos da faculdade estudando doentamente uma coisa chamada Metodologia de Projeto. Projeto disso, projeto daquilo, ou seja, projeto começa a entrar no nosso código genético e não sai mais. A gente sofre uma mutação e começa a pensar por projetos e tudo na cabeça da gente passa a ser traduzido por projetos de coisas para as pessoas interagirem. Por que esse é o trabalho do designer: ele tem que transformar uma coisa que tem que ter uma certa função numa interface com o corpo ou com a mente humana. Então esse conceito, essa estrutura de pensamento que o designer tem é que é a principal ferramenta de trabalho que desde então eu trazia e que me faz hoje ainda a minha principal postura do trabalho porque quando hoje eu digo assim: com o que que essencialmente eu trabalho com educação? Com o que que eu mais gosto de trabalhar? Com metodologia, eu acho que metodologia é exatamente isso. Só que em vez de vc levar em conta a ergonomia do corpo, a gente leva em conta a ergonomia da mente e aí como é que a criança, o jovem, o adulto, a pessoa dentro do seu contexto sócio-cultural, etc, ela aprende com o que ela interage, quais são os elementos do mundo dela e como que o trabalho educativo, de construção de conhecimento via uma metodologia, via um instrumento pedagógico qualquer que seja pode se encaixar nessa ergonomia mental. Aqui eu pulei prá hoje, vamos voltar ao passado, eu falava de 3 coisas, eu estava insatisfeito com minha atividade, buscava uma coisa em educação, comecei a fazer atividades de educação artística com crianças, que até hoje eu acho fascinante, é um instrumento fantástico para o trabalho pedagógico de uma forma geral. Eu tive contato com aquilo que se chamava arte-educação e com os autores da arte-educação e é exatamente esse conceito que eu entendo hoje a mídia-educação, só que a gente amplia os instrumentos clássicos da expressão artística para os meios de comunicação e as linguagens de uma forma ampla de nosso mundo presente, da nossa sociedade de hoje que são inúmeros e poderosíssimos. E uma terceira coisa que aconteceu que eu tava falando que foi muito importante foi que no momento que eu tive que decidir qual era o meu projeto de final de curso no último ano, eu sabia o que eu queria mas não sabia o que era, como exatamente fazer. Eu trabalhava naquele momento no departamento de promoção e divulgação institucional do Sesc, o departamento nacional, ou seja, era a agência interna de comunicação deles, a gente trabalhava com vídeo, com linguagem impressa, para atender todo o Sesc, que tinha uma atuação social e bastante educacional também e aí me deu o estalo: é isso! Uma escola precisa ter uma agência interna, um núcleo interno, que seja o elemento responsável por entender a atividade educativa, o ambiente educativo como um ambiente de comunicação, como espaço de comunicação, e seja responsável por desenvolver e promover esse desenvolvimento comunicacional da atividade educativa desde então entendida por mim como comunicação. Pra mim, acho desde que nasci, nasci entendendo que educação era comunicação e acho que os problemas todos de educação, ou melhor, quase todos se resumem às pessoas não conseguirem entender isso: que educação não é

outra coisa senão processos de comunicação rolando entre seres de comunicação em lugares que são ambientes de comunicação. E educar é tornar as pessoas mais competentes do ponto de vista da comunicação, da sua capacidade de diálogo e portanto de interação com seu ambiente, portanto de ganhar ou perder espaços, no mundo do diálogo em que nada é pacífico, é um campo de guerra que a gente tem que habilitar as pessoas, ser cidadão é ter instrumentos para jogar, batalhar uma batalha, jogar um bom jogo nesse campo de confronto, de idéias e valores, porque tudo se dá no campo simbólico, viabilizado pelo campo material.

Então nesse momento da minha vida, mais ou menos em 1985, eu estava me formando, eu estava muito insatisfeito com a minha atividade, eu tinha um projeto - o projeto que está no meu projeto de graduação lá na UFRJ é exatamente esse dentro do qual você está sentada hoje, o que tá ali, a receita que tá ali, que foi o que naquele momento que me veio, o que eu consegui estruturar depois eu persequi aquele projeto e ele foi num determinado momento em 1989, quando eu saí área de comunicação institucional, da programação visual, eu ofereci esse projeto para o CSI, o CSI acho que naquele momento ouviu o galo cantar, não sabia aonde, mas me colocou aqui dentro para fazer alguma coisa e desde então venho desenvolvendo esse projeto aqui e isso me exigiu eu direcionar também a minha formação para um outro lado. Eu to levando esse tempão todo porque eu acho que essa resposta inicial arruma um pouco tudo o que vc vai perguntar daí prá frente. Então descobri que dialogar com professor era a coisa mais difícil do mundo, principalmente pra quem vem de uma área de projeto, uma área artística, uma área da sensibilidade, uma área que lida com tecnologias, quer dizer, então eu tive, depois de muito apanhar, ir aprendendo como se que se faz esse diálogo interinstitucional dentro dos ambientes educativos. Então direcionei minha formação, voltei prá faculdade então para a escola de belas artes, mas aí para complementar para o curso de licenciatura em educação artística, que era um instrumento que eu achava muito importante para o trabalho educativo e depois fui fazer um mestrado em educação na PUC e mais tarde a 3 anos atrás, empurrado pela escola, fui fazer uma espécie de MBA em gestão de organização escolar. Não sei o que a escola queria com isso, eu sei o que eu aproveitei, porque de fato quem lida com comunicação na escola, quem olha a escola do ponto de vista da comunicação vai ver: quem troca informações com quem, porque meios, e aonde é que a coisa tá complicada. E aí você vai tratar com dois aspectos da organização educativa: o aspecto educativo propriamente dito, o pedagógico, ou seja, a parte de ensino, aprendizagem, etc e a parte enquanto organização humana, enquanto empresa, essas coisas estão interligadas e muito e elas, do ponto de vista de um comunicador, você não tem como separar as 2 coisas, então você vai analisar o sistema como um todo. Então, desde que o nosso projeto aqui no CSI começou, ele tinha essa proposta, trabalhar a comunicação dentro da escola e não apenas na sala de aula, mas na instituição escolar como um todo, então quando você vai problematizar essa situação, quem troca informação com o que, você vai lidar com questões da organização, com as questões dos poderes da organização, da política interna, de quem passa facilmente, quem tem que trocar, que sistemas você tem que criar para evitar que determinada instância da organização não passe, ou que ela receba aquilo que ela precisa receber, enfim, você fazer esse papel de guarda de trânsito do espaço educativo, você vai lidar com a temática da organização. Então esse curso foi muito direcionado para a gestão

organizacional, que é um problema com o qual eu lido diariamente e essas ferramentas ajudam demais a gente resolver problemas da organização, que são às vezes os principais entraves para as questões que acontecem em sala de aula: a gestão das pessoas, das idéias, enfim das mudanças. Aquele curso eu sinto que foi uma coisa importante também porque ele veio num momento da minha vida em que eu até empurrado pela própria atividade profissional estava trabalhando em consultoria já com outras escolas, aí já muito mais na área da organização escolar propriamente dita do que propriamente na questão de sala de aula, de atividade educativa, como que a comunicação ajuda ali, quer dizer, houve um determinado num momento da minha vida que eu atuei nessa questão da organização, da gestão.

P: Você é um pouco pioneiro nessa questão, né? As escolas estão começando agora a se preocupar com isso.

Eduardo: É, eu acho assim. Em 1986, foi a primeira vez, quer dizer, não quero disser que não tivesse acontecido antes. Eu é que, com as minhas limitações, só em 86 eu tive contato com o primeiro livro no Brasil chamado "Educação e comunicação: caminhos cruzados". Então naquele momento foi muito difícil fazer o meu projeto de graduação porque não havia bibliografia. O meu orientador de projeto só fez um favor porque eu enchi tanto o saco dele, que eu queria porque queria aquilo que ele falava: "Deixe esse menino fazer essa história logo" e no final ele não sabia o que avaliar, porque o meu projeto tinha que ser um projeto de comunicação visual. O que valeu para minha graduação foi meramente a apresentação do projeto, que era um instrumento de comunicação muito bonito: era uma revista, era um monte de coisa que eu apresentava o projeto, mas conteúdo mesmo, acho que ninguém entendeu nada e ninguém nem quis saber. Mas já no mestrado a situação foi mais fácil, mas não totalmente. Ainda naquele momento de 91 a 95, que foi quando eu fiz mestrado na PUC com a Regina, ela orientando, foi fácil por um lado, pois ela era uma pessoa muito sensível à área, que já estudava, já tava ligada a isso, naquele momento a gente, mais tarde ela foi secretária de educação, me chamou para ser da equipe dela na secretaria onde eu dirigia a divisão de mídia e educação. Na época era divisão de multimeios. A primeira coisa que eu fiz foi mudar o nome porque aquele nome multimeios não tinha nada a ver com coisa nenhuma. Então, trocou o nome, trocou o conceito, e começamos a trabalhar num conceito novo. Mesmo naquele momento foi difícil a literatura, quer dizer a literatura toda falava de aspectos que eram importantes. Mas havia muito pouca gente, se é que havia, que falava disso. Tem um livro que me marcou muito, do Francisco Gutierrez, Linguagem Total de 78, publicado na época pela Summus, tenho tido dificuldade de encontrar esse livro para trazer prá cá. E ele fala muito (acho ele é colombiano) e essas questões de comunicação popular são muito presentes na América Latina inteira já há muitos anos, por conta das questões de resistência e tal, os movimentos ligados a igreja trabalharam muito com comunicação popular. Aqui no Brasil também tinha gente com tradição disso, é o pessoal que hoje... do Cláudio Secom, naquela época era o IDAC, hoje em dia é o Mídia Ativa se não me engano, a ONG deles que estão inclusive promovendo o Fórum mundial do ano que vem. Então esse pessoal naquela época, eles publicaram um ou dois livrinhos, que

eram legais, mas estavam mais voltados para uma coisa mais de emancipação , mais ligada ao movimento popular. Ligada ao equipamento escola havia muito pouca reflexão nesse sentido, então, nesse sentido, houve um pioneirismo, agora, eu estava sendo pioneiro aqui e outras pessoas estavam sendo pioneiras pelo mundo afora. A gente só começou a se colocar em contato realmente nos últimos anos e descobrimos que há anos trabalhamos nas mesmas coisas e não nos conhecíamos.

P: Falta de comunicação...

Eduardo: Não é só isso não, é que realmente a gente parecia... o que a gente está trazendo é muito novo e é muito pouco, às vezes, compreensível, é de difícil apropriação para as pessoas no mundo da educação de uma maneira geral. A gente fala de um ponto de vista, a gente vem de uma matriz paradigmática que é muito diferente e antagônica às da educação e às que formam os educadores. Então vc encontrar os pontos em comum para que o diálogo se estabeleça tem sido um caminho difícil, mas tem sido uma evolução positiva. Tem sido bom. No Brasil tem sido muito importante o trabalho do Ismar de Oliveira, do núcleo de comunicação e educação da USP . O trabalho deles de fazer uma rede de mídia e educação, de pessoas que falam e estão estudando isso para elas se colocarem em contato, para elas se conhecerem tem sido essencial...

P: Agora já tem muitos seminários e congressos...

Eduardo: Isso, quer dizer, quando em 98,99, fui participar do congresso de mídia-educação que teve em SP, era o 1º no Brasil mas já era o enésimo pelo mundo afora e naquele ano o pessoal da UFF tinha trazido para acontecer no Brasil.

P: Quais as barreiras que você tem que enfrentar para a aplicação desse projeto?

Eduardo: As barreiras, algumas que eu me lembro.. Algumas muito traumáticas, talvez porque eu tenha uma personalidade que não lido muito tranqüilo com as barreiras. O meu primeiro instinto é derrubar as barreiras e não transpô-las. Transpor barreiras talvez seja mais político, mais suave, menos traumático. Mas o meu instinto original talvez seja entrar de cabeça prá tentar derrubar a barreira. Aos 40 e poucos anos de vida eu já tou começando a aprender que talvez isso dê muita dor de cabeça. Pular, às vezes vc rasga a calça, quebra a perna do outro lado, mas não machuca tanto as outras pessoas porque o muro às vezes cai em cima dela. Mas a principal barreira, acho que é: a educação é uma atividade que tem uma origem muito bonita e muito feia. O que é bonito é que ela é uma tentativa de uma sociedade de sistematizar a manutenção do seu conhecimento, a passar para as novas gerações os conhecimentos necessários para elas irem ao mundo, para elas irem a vida, esse aspecto positivo do que a escola tem como instrumento de reprodução. Eu digo instrumento de reprodução do sentido do Mac Luhan. Ou seja, a escola, ela estende o nosso aparelho reproduzidor, em todos os sentidos, ou seja, f..... a vida da gente (rs), às vezes pro resto da

vida. Porque o Mac Luhan tem aquele "Meios de Comunicação como extensão do homem". A escola é um meio de comunicação e ela estende um determinado aspecto da nossa vida que é o aspecto reprodutivo. Ela estende a atividade familiar, ela estende a mãe, ela estende o pai como disciplina, ela faz essa extensão sobre vários aspectos. Ela é um instrumento fantástico, ela tem como sua concepção... ela representa um avanço civilizatório do qual a gente não pode abrir mão e a gente tem que abrir o olho porque eu acho que a escola como instituição está correndo um sério risco na sociedade moderna porque, aqui é o lado feio, a escola por isso tudo, pelo mundo que ela foi gerada ela se tornou um instrumento conservador, necessariamente conservador. Ela é o lado às vezes equivocado da tradição. Ela tem o papel de levar a tradição das comunidades, da sociedade, dos povos, mas isso, por uma série de aspectos, na maior parte do mundo se transformou num instrumento muito conservador. Então a escola, e aí a escola é todo sistema: o sistema curricular, o entendimento sobre currículo, o sistema de formação de profissionais para trabalhar nesse ambiente, toda a concepção de como esse sistema vai funcionar, ela evoluiu num ritmo muito diferente do ritmo do restante da sociedade. Isso é uma explicação que eu ainda não consegui entender exatamente porque que isso foi assim. Acho que existem inúmeras explicações e nenhuma delas me satisfaz totalmente. Mas o fato é que...um exemplo simples: você não admite entrar num hospital hoje e que não tem nenhuma tecnologia dentro daquele espaço. O médico que vai te atender, você vai ficar muito inseguro se ele não tiver pelo menos 7 anos de medicina, mais uma especialização em alguma coisa, não esteja lendo, não assine revista, quer dizer, você não vai botar o seu corpo na mão de um profissional que não seja um bom profissional de medicina. Isso tá claro prá todo mundo. A gente não vai a um supermercado que não tenha um código de barra e que não se ache no direito de ter uma maquininha logo ali para a gente passa aquele troço e saber quanto é que custa. Sem mais exemplos, em todos os campos da vida humana, isso está bem claro prá todo mundo, não é a tecnologia, mas é o avanço! Os avanços todos da sociedade se tornaram padrão, se tornaram reivindicação das comunidades, das pessoas. Na escola, a gente admite, com a maior tranquilidade, a população admite, as pessoas admitem, que a mente humana, que é o sistema mais complexo, mais indecifrado ainda de todos os sistemas complexos que a gente conhece que isso que tá dentro das cabeças das nossas crianças seja desenvolvido, tratado por profissionais que fizeram 2, 3 anos de, desculpe, curso normal, de fundo de quintal, sabe lá Deus com que critério. Nada contra as normalistas, nada contra os profissionais de educação, apenas estou tentando colocar qual é o entendimento que há, não pelos teóricos, não a intelectualidade, mas que a população tem do significado da educação e do profissional de educação. Então esse é o maior problema, do meu ponto de vista, o maior bloqueio. O maior problema é que as pessoas admitiram que a escola ficasse em defasagem, a sociedade admitiu, não foi só aqui no Brasil. "Ah foi no Brasil por causa da ditadura, porque a gente é pobre, a gente é 3º mundo" Não, no mundo inteiro. A gente admitiu que a escola - não a escola casinha, onde fica a escola, mas a concepção do sistema da qual a escola faz parte - que ela ficasse em defasagem. A televisão já tem 50 anos. Mais de 50 anos. O século 21 já chegou há pelo menos 50 anos. E a escola ainda permanece na mesma estrutura que ela era como espaço físico, como conceituação, como instrumento de tecnologia, como ela era há 200, 250 300 anos atrás. A escola é um instrumento que nasceu numa

sociedade de aldeias, numa sociedade agrária e ela não conseguiu talvez passar nem para a sociedade industrial, quanto mais para a sociedade da informação. Então esse é o maior problema, o conceito e o lugar que a educação teve nessa sociedade e que criou uma defasagem enorme. E isso está dissolvido dentro de todos aspectos do que vc encontra dentro da instituição escolar que vai desde a formação do professor que é muito pouco exigente. A formação desse profissional é muito pouco exigente com ele. Educação tinha que ser algo que partisse, no mínimo, no barato, do mesmo grau de exigência e no mesmo nível de informação que tem que consumir por exemplo um analista de sistemas. Um analista de sistemas lida com uma coisa muito mais simples o que um educador, que é o computador. O educador lida com cada criança com pelo menos um milhão de computadores ali dentro. Só prá fazer uma comparação com elementos que as pessoas tem e tratar a noção do quanto a gente precisa ter uma concepção mais refinada da formação do educador, sobretudo hoje, com tudo que a gente tem, de toda a complexidade que a gente já entende do que é a mente humana, a sociedade, a natureza do conhecimento em todas as áreas, em educação também. Mas essa lacuna a gente não vai conseguir saltar em uma geração só. É um esforço muito grande que a gente vai ter que fazer, se der tempo, porque a escola perdeu, nessa distância ela perde um papel importante, central que ela tinha e que hoje ela perdeu para outras instituições sociais. Não que essas instituições não precisassem existir, mas acho que a escola precisava estar em igual nível ou num nível mais avançado. Eu acho que o principal é isso. Acho que todos os outros são efeitos disso. Eu acho que, por exemplo, a matriz paradigmática que forma o currículo, a idéia de currículo, ela ainda é montada dentro da mesma idéia que gera o texto escrito, linear. Uma coisa atrás da outra, um ano atrás do outro. Tudo bem, hoje a gente tem vários estudos, várias pessoas no mundo todo, taí o pessoal da Espanha, taí o ensino por projetos, taí tudo o que se fala sobre ensino interdisciplinar, transdisciplinar. Tudo bem, uma coisa é falar, a outra coisa é isso chegar numa coisa que funcione, que dá certo em sala de aula e larga escala. Então esse espaço todo a ser percorrido é que é o tal do tempo perdido, energia, investimento não feito, que a gente tá correndo atrás loucamente hoje. A questão hoje é, por mais que você tenha idéias brilhantes, você não consegue se libertar da bendita grade curricular! Ela é uma gaiola, você não tem como sair dali. Há algum tempo atrás a gente começou a colocar na escola um problema que é a questão de você elaborar um currículo de comunicação. A idéia de um currículo de comunicação é totalmente revolucionária, porque ela arrebenta de vez com essa coisa arrumadinha do currículo, porque a comunicação, ela é necessariamente comunicação entre áreas, ela não é um assunto em si, o currículo de comunicação deveria ser feito não como uma disciplina chamada comunicação, como uma caixinha, como um quartinho da comunicação por onde os alunos vão passar, não! Ele é o exercício da comunicação feito em todas as disciplinas, entendidas história, geografia, matemática, ou matemática misturada com educação física, todos esses mix que você pode fazer numa perspectiva curricular não linear, multidimensional, eles só são permitidos se você tem uma concepção comunicacional da atividade educativa, do currículo e uma concepção de um currículo que é comunicação, de um currículo que por meio do exercício que é feito na escola ele tá habilitando a você lidar com diferentes formas de dar significado a sua experiência. Isso é comunicação. Educar, visto dessa forma, é assim que eu gosto de ver. O que que é educar? O que

que a gente faz na escola? É aprender a construir conhecimento, que é dar significado à experiência. Dar significado é a palavra chave porque construção do significado é algo que está muito próximo ao campo que a comunicação trabalha. Então o principal bloqueio é esse. E esse bloqueio vai gerar uma série de elementos dentro do espaço escolar que vão bloquear, dificultar esse diálogo porque não tiveram...é uma coisa muito difícil de falar sem ofender a mãe de alguém. Como é que eu vou falar isso aqui? Prá mim é muito difícil aceitar, com todo o respeito que eu tenho aos professores de 5ª série em diante, todos eles...como é que é admitido hoje, até a nova lei já tenta mudar um pouco isso, mas até então e ainda hoje, os bloqueios que eu tenho hoje são esses. O professor de 5ª série em diante precisa ter uma licenciatura que é um curso que ele faz mais ou menos de 2, 3 anos depois de uma faculdade. Vai lá, didática geral do ensino... Mas que meu Deus do céu! Está muito longe daquilo que o educador precisa como instrumento teórico, metodológico para lidar com uma criança, um adolescente, sobretudo um adolescente de uma cidade grande, cosmopolita como é o RJ, com todas as questões complexas de ordem cultural, social. E sobretudo uma criança, que por mais pobre que seja no país, claro que não estou indo à raia dos miseráveis, se bem que talvez até lá a gente encontre, por mais pobre que a criança seja no nosso país, segundo as estatísticas, essa criança tem acesso à televisão, tem acesso a uma quantidade enorme de informações que estão na rua. Se você parar 5 minutos numa banca de jornal e você olhar para figuras das capas das revistas, você levou ali uma tonelada de informação, de estímulos, de mensagens que estão falando com você. Porque, não sejamos ingênuos, existe uma enorme máquina de comunicação no nosso mundo direcionada para diferentes segmentos de público, que conhece muito bem como nossas cabeças funcionam, que pesquisam tudo sobre como a gente vê, entende o mundo, sobre os valores e desejos que a gente tem e sabe trabalhar com isso num nível simbólico que dispensa palavra. Nossa! A gente tá falando de uma criança que está sendo abordada, que é imersa, mergulhada num oceano de informação. Então essa criança que chega na escola tem informações que ela traz de casa, dos pais, do clubinho, do jogo de bola, ela tem informação que ela traz de todos esses lugares... Então a gente precisa ter instrumentos prá saber... primeiro, uma contribuição que o comunicador pode dar. É a abordagem de comunicação do espaço de sala de aula. A 1ª coisa, por exemplo que o professor poderia fazer é tentar sondar e levantar qual é o mundo de onde seus alunos vêm, levantar o perfil da vida desse aluno, entender com quem que ele tá falando, isso não acontece. Entender, assistir os programas, ouvir os programas de rádio, ver os programas de TV, ler as revistas que os alunos assistem para entender o que que eles estão consumindo, o que que eles estão dando valor, o que que é valor pra ele, porque a gente pode dizer: -"Ah, eles assistem um monte de porcária na TV". Porcaria no seu ponto de vista porque do ponto de vista dele ele tá adorando. E se ele tá gostando, algum valor ele vê naquilo. A gente não tá fazendo juízo de valor, ou seja, achando que o que tá ali é legal ou não é de acordo com o que eu penso. Se eu sou evangélico, espírita ou ateu, esse juízo vai ser diferente. O que importa nesse caso, é que aquela criança vê aquilo como valor. Ela encontra naquilo alguma coisa que vai dizer alguma coisa prá ela. Eu como professor não quero saber disso. A gente muitas vezes não consegue penetrar na linguagem de gíria e expressões que eles usam entre si. Prá ficar só nessa base aqui. Como é que a gente quer se comunicar com essa criança, com esse aluno em

sala de aula? Existe um princípio básico da comunicação de um teórico que eu também já esqueci, deve estar nalgum desses livros por aí, que diz o seguinte. Para haver comunicação, é preciso haver uma intercessão dos nossos campos de experiência. Então se a gente não habita um campo de experiência comum, se a gente não é capaz de compartilhar, (a palavra comunicação significa na sua origem troca, troca interativa), então se isso não tá acontecendo, então não há comunicação, então o que eu acho que acontece em sala de aula, por exemplo, caricaturando num extremo negativo, é exatamente a incomunicação. A gente acha que comunica, a gente acha que transmite, a gente acha que ensina e não é bem isso que tá acontecendo, porque? A gente entrou no mundo da experiência dessa criança? Essa criança trouxe o mundo de experiência dela pra sala de aula? A escola teve tempo prá lidar com isso? Ou a máquina toda está mais preocupada com outras coisas, outras histórias. Outro bloqueio, é o papel que o professor assumiu nesse sistema. Tradicionalmente era ele quem vinha trazer o conhecimento, era ele o transmissor. Muito bem, acabou o modelo de transmissão. Acabou o mundo onde 1 pessoa só era que vinha trazer o conhecimento prá alguém. Acabou o mundo dessa gente.

P:O professor fica se agarrando...

Eu tenho prá mim, que aqui não me espetem em praça pública prá botar fogo, mas eu acho que o principal problema que a gente tem em educação é exatamente o arrasto. Porque você tá querendo levar a educação prá um lado e vc tem um bocado de gente querendo arrastar no chão porque tá vendo seu espaço ir embora. "Ah porque eu tenho medo de ser substituído pela televisão, pelo computador, esse menino..." Eu adoraria que alguns professores fossem substituídos pelo computador e pela tv porque se um professor é tão medíocre a ponto de poder ser substituído pelo que se faz na tv ou por um software, pelo amor de deus, esse professor não tem o direito de estar dando aula prá criança nenhuma em nenhum lugar do mundo. É a minha maneira de ver. É radical, é triste, horroroso, eu sei que é, mas aqui eu tô falando aqui livremente prá vc (rs). Eu acho que o papel do educador hoje, daquele que vai trabalhar com as mentes das pessoas, tentando ajudar essas pessoas a dar significado às suas experiências, a encontrar um lugar no mundo, a adquirirem instrumentos para poderem ser alguém no mundo, não naquele sentido, "Ah eu quero ser alguém na vida, de ter algumas coisas", não, ser alguém, ser uma pessoa integral, sabe, uma pessoa autônoma, uma pessoa livre, você se colocar esse desafio, assumir esse papel numa sociedade e é esse papel que um professor assume, não é totalmente dele, mas ele assume trabalhar nessa tarefa. Esse papel é extremamente exigente, é um papel que exige da pessoa que tá lidando com pessoas, instrumentos muito importantes, poderosos, muito complexos e infelizmente (agora eu não vou dizer: é culpa do professor) a gente tá falando de um sistema, não é uma coisa pessoal que eu não gosto de fulano ou beltrano, não é, é porque o sistema é complicado. O sistema não foi capaz de se renovar. E esse prá mim é o pior problema de todos. A gente sabe que todo sistema que não responde às agressões do meio, ele é extinto. Acho que isso é uma lei da matemática, ou seja, um sistema qualquer sistema e principalmente os sistemas inteligentes, complexos, eles são complexos exatamente porque vão aprendendo a reagir ao momento e ao meio. Isso é adaptação. O grande

problema que eu vejo é que a escola tem na sua concepção alguma coisa que dificulta demais a sua adaptação, sobretudo na velocidade que essa adaptação está sendo exigida, então acho que os próximos 20, 30 anos vão ser decisivos pra o papel que a educação, a escola e os profissionais, não vou nem dizer o professor porque pra mim esse profissional, eu particularmente considero que esse profissional vai acabar...

P: Da forma como é hoje...

Aí ele vai ser outra coisa, vai ter inclusive outro nome. Porque tem 2 nomes que eu odeio em educação. Um é aluno. A palavra aluno quer dizer *alumnus*, aquele que não tem luz. Isso é feio, horrível, é triste demais e só você entrar em sala de aula com a sensação de que você tem 40 coisas apagadas, isso é podre, é podre. E é por isso que eu digo que a educação tem uma crise muito mais séria, porque existem conceitos de raiz em educação que são muito sérios e que a gente precisa inclusive criar palavras novas pra falar coisas novas e coisas novas são coisas velhas, são coisas novas. E professor aquele que vem ensinar, aquela coisa quase profética. E a escola tem outro problema que é muito complicado, isso também é um bloqueio. É o modelo de comunicação da escola que é um modelo nascido e gerado dentro de um mundo, de um ambiente comunicacional, de um momento de uma sociedade que também tá mudando. A gente pode até discutir isso mais profundamente porque é um assunto complicado. É o seguinte: olhando o desenho, vou apelar pra o design. Olhando o desenho, não há diferença entre um pastor na igreja seduzindo a sua platéia, entre um professor tentando seduzir a sua platéia, entre um político no palanque tentando seduzir a sua platéia, e entre uma televisão seduzindo a sua platéia na sala de estar. O desenho é o mesmo. É um modelo unidirecional, é um modelo platéia, espetáculo, é um modelo baseado na sedução, que se fundamenta no poder de sedução. Acabaram-se os recursos de sedução do professor num universo onde o aluno tem outro padrão de sedução. E você tem a questão do modelo unidirecional e vertical. Agora, esse problema, talvez esse seja um problema muito sério. Porque o modelo de comunicação vem da estrutura social, da cultura. O que você tem aí? Que a escola é gerada, vem da mesma família, que vem todas essas coisas. Não podemos esquecer que a maioria das escolas, principalmente no nosso país, começaram dentro de escolas religiosas, onde a escola foi criada pra catequizar. Então se confundem o universo da escola com o universo religioso, se confundem os valores da escola com os valores religiosos e se confunde a figura do professor, a identidade do professor, com a identidade do religioso, que por exemplo, essa escola aqui, na sua origem eram todos religiosos, eram todos padres jesuítas. Então quando você me pede pra falar dessas coisas eu começo a ficar desesperado, porque eu tenho filha. Minha filha estuda nessa escola e se não for nessa será em outra qualquer parecida. Mas paciência, ela vai ter as mesmas doenças que eu tenho, as mesmas que vc tem. Então essa questão da extinção do professor pra mim, tá ligada à mudança do paradigma de comunicação social. Porque? Porque numa sociedade com tanto instrumento, e esse tanto é na casa de muitos zeros, desde a quantidade de pessoas, quanto na quantidade de volume de dinheiro investido, a quantidade de máquinas de comunicação distribuídas nas mãos das pessoas. E é um impacto social, um impacto semiótico.

Hoje qualquer criança de classe média ou até menos, já tem a sua imagem desde quando estava no útero da mãe. Isso faz parte do processo de quem sou eu daquela criança. Estou querendo dizer que no mundo onde tantas pessoas têm tanto poder de comunicação a ordem política das coisas muda. Claro ainda vão haver poderosos, ainda vai haver gente que vai ganhar em cima disso, ainda vai ter uma hierarquia, mas é uma hierarquia diferente. E certamente, quer dizer, isso é uma coisa que a gente tá observando, isso rumo pra uma coisa mais horizontal. Por que? Porque hoje a gente vê o poder que a opinião pública tem, não é o mesmo que tinha há 50, 70, 80 anos atrás. E a gente precisa olhar essas coisas com o olho um pouquinho maior, quer dizer, tudo bem, existe um controle, uma ideologia, isso sempre vai existir. Agora, se você olhar a quantidade de pessoas que tem o poder de escrever e fazer o seu pensamento valer e influenciar hoje e comparar isso com os poderes que as pessoas tinham há 100, 200 anos atrás, houve uma evolução enorme. E porque? Porque cada vez mais as pessoas tem instrumentos de comunicação, de registrar a realidade, de trocar idéias nas suas mãos.

P: O computador...

É. Hoje, o acesso à internet está nas esquinas, você vai dentro de um shopping, qualquer pessoa pode entrar num shopping, o shopping é um lugar democrático, qualquer pessoa pode entrar, não pode comprar, mas pode entrar, mas você pode ser o sujeito mais duro do mundo e você pode estar devendo, e se você entrar numa livraria, quer dizer, o cara pode até olhar pra você e dizer que você vai querer roubar, quer dizer, você pode ter o bloqueio do preconceito, mas vamos supor que você, uma pessoa qualquer, entrou numa livraria que existe num shopping, e lá tem um cybercafé, onde você pode pedir um cafezinho de 1 real e você pode ficar navegando na internet! "Ah, mas os miseráveis da Ásia toda ainda não têm direito" Tá certo, é verdade, a gente tá falando de um mundo de aproximadamente 7 bilhões de pessoas. Mas desses 7 bilhões de pessoas existe uma classe média que diz respeito mais ou menos a 2 bilhões e isso é um número de gente pra caramba. Um mundo onde 2 bilhões de pessoas têm os poderes de comunicação que as pessoas tem, de assistir TV, de ler jornal, de ler a bobagem que seja no jornal, de poder escrever, a gente já viveu num mundo onde a maioria das pessoas era analfabeta. E aí o mundo era muito mais vertical do que é hoje. Então a gente pensar qual é o papel do profissional de educação num mundo como esse, a gente, acho que tem que partir do ponto de começar uma coisa nova e aí a gente vê se se parece ou não com o professor e não partir do ponto do professor. Claro, estou falando de uma forma radical, na prática você vai ter que trabalhar com os professores, mas é preciso que você esteja mirando, não a manutenção de uma determinada identidade, que talvez em alguns aspectos crie muito mais danos para aquele com quem se está trabalhando do que traga benefícios, mas você tem que ter realmente um ideal, um projeto político para o papel da educação, o papel desse profissional e é com isso que todos nós trabalhamos.

P: Então, falando do professor. Você acha que tem alguma relação entre a formação deles, quer dizer, o professor que está mais envolvido com TV e tudo, você acha que ele trabalha melhor isso na escola, ou não faz diferença? Porque você trabalha com capacitação, né?

Trabalhamos. Eu acho que tem uma outra coisa. Eu duvido muito do meu trabalho. Porque o trabalho que eu e outras pessoas estamos fazendo é um trabalho que precisa se firmar. Ele tem que brigar para se fazer pertinente, dentro de um ambiente muito hostil a ele em algumas situações. Então nesse tipo de situação a gente tende a forçar a barra às vezes, então vez por outra a gente se pega. A gente às vezes tende a acreditar demais no efeito do que a gente tá fazendo. A outra questão é que eu acho que tecnologia é um mito prá pessoas da nossa época então a gente tende a olhar com olhos muito bons aquilo que é feito com tecnologia e nem sempre isso é verdade.

Em que sentido?

A gente achar de que porque foi feito com computador , porque é feito com o vídeo, foi feito melhor, mais bonito e o aluno aprendeu mais. E por outro lado eu sei que a gente em educação tem muito pouco atitude de pesquisa e honestidade de pesquisador. A prática do dia a dia deixa que a gente tenha tempo prá fazer isso. Então eu acho que muitas vezes a gente deixa de olhar o que a gente tá fazendo com olho crítico, com olho de pesquisador e avaliar realmente se aquilo foi melhor ou pior, ou em que foi melhor, em que foi pior pro aluno que foi alvo de determinada experiência . Eu acho que isso é um vício do professor. "Eu adorei a minha aula, dei uma aula ótima, os alunos adoraram!" Agora vamos perguntar pro aluno, vamos ter um instrumento mais isento prá avaliar com o aluno se aquilo que ele fez tudo coloridinho no computador , tudo lindo de morrer, um vídeo que ele produziu, um trabalho com luzes piscando, se aquilo realmente foi um avanço do ponto de vista educativo , pedagógico em relação àquilo que era feito antes , ou não. É a mesma coisa só feita de um jeito bonito, tecnológico, que custa muito mais dinheiro... E também tem outra coisa, porque existe nessa coisa toda estratégias de grande empresas e indústrias da área de tecnologia prá criar mercado em educação. Educação é um filão a ser escalado prá gente encontrar algumas minas de ouro perdidas por ali. E nesse contexto, a gente precisa estar muito atento prá não perder nossos referenciais e não achar que tudo que brilha é ouro. Acho que algumas experiências são muito positivas que a gente tem condições de avaliar e dizer "esse aluno tá aprendendo melhor". Não digo mais, digo melhor, porque a questão não é quantitativa, é de qualidade, de como ele tá se habilitando e se capacitando em diversos aspectos. Esse menino fez a coisa de forma mais motivada? A motivação é 1 variável. Esse menino tá dominando determinados conteúdos importantes de forma mais profunda e mais articulada do que antes? Essa é outra variável. Esse menino tá articulando esse conhecimento com outros conhecimentos? E essa é outra variável. Esse menino tá sendo capaz de traduzir esse conhecimento aqui prá uma atitude prática na vida dele que é diferente, e que por determinados indicadores vão indicar prá gente um avanço na qualidade de postura, de atuação social e política desse garoto. Acho que estamos falando de coisas complexas e acho que elas exigem da gente instrumentos mais complexos de

observar, avaliar, no sentido de botar valor mesmo no que estamos fazendo. E acho que isso tá faltando. A gente hoje, em todas as escolas, ainda tá muito querendo ganhar o nosso lugar ao sol. Mostrar que o que a gente faz é diferente é bacana, atrai os pais de alunos, faz crescer matrículas, faz os alunos estarem pelo menos um pouco mais empolgados com aquele monte de chatice que a gente também faz na escola. De verdade mesmo, acho que tudo o que a gente faz eu adoro, é o máximo, acho que é o futuro, acho que a gente tem soluções que são realmente legais em mídia educação, e isso eu falo muito mais pela intuição e pela experiência do que propriamente pela avaliação científica da coisa. A gente sabe que a coisa vai gerando uma série de efeitos. A gente trabalha com um negócio em educação que é muito complicado que é: o trabalho que a gente tá fazendo hoje agora é pra um cidadão que tudo bem vive hoje e agora, vai viver amanhã, mas que na verdade você tá dando um instrumento pra interação plena dele daqui a 10 anos. Isso aí já tem um problema sério porque a maioria de nós que trabalha em educação quando faz um projeto pedagógico, quando pensa um projeto de escola, a gente devia fazer assim. Vamos fazer um exercício de ficção científica, vamos cada um de nós levar pra casa 10 fitas de ficção e tentar trazer a nossa visão doida de como é que vai ser o mundo daqui a 20 anos. Em função desse mundo que a gente visualizar para daqui a 20 anos é que a gente vai ter que fazer o projeto pedagógico porque é nesse mundo que essas crianças vão ter que ser adultos, se virar, ganhar o pão de cada dia, ter valores, ter ética, defender o seu espaço e de preferência fazer isso pra um mundo melhor e não pro nosso mundo, pros nossos valores e pra nossa visão nostálgica e idealista que a gente queria que fosse.

P: A gente não é profeta...

Não, nesse sentido quem trabalha em educação tem que ser profeta sim. A gente trabalha com o futuro, a gente vende o futuro para as pessoas. Quando uma escola como essa, e como outras escolas particulares, e as públicas também, quando você entra com seu filho ali, o que você quer? Qual sua expectativa? O que você tá comprando quando você confia 10, 12 anos da vida do seu filho e quando você paga muito caro por isso? O que você tá comprando? Qual é o produto? Qual é a expectativa? Você tá comprando um sonho de uma vida melhor pro seu filho, pra que ele realize coisas que você não conseguiu que ele seja melhor que você. Isso é o sonho mais poderoso que existe no mundo. É com isso que a gente lida em educação. Isso exige que a gente não tenha direito de trabalhar com nada que seja medíocre dentro de uma escola. A começar com os nossos sonhos, pelas as nossas propostas de vida, pela nossa visão do que é educação. Acho que quando um professor parar "eu vou pensar aqui o que eu vou fazer na minha aula de geografia deste ano de 2003 pra 5ª série". Eu queria muito que esse professor estivesse um dia trabalhando numa escola, que essa escola tivesse uma bola de cristal olhando pro mundo onde minha filha vai ser adulta tentando visualizar que tipo de instrumentos essas pessoas vão precisar pra ser felizes, cidadãos completos, felizes consigo mesmas, capazes de trabalhar por um mundo mais igual, esses ideais todos que a gente tem. Mas esse mundo que a gente vai ter lá vai ser muito complicado, vai ser muito pior do que o mundo que a gente tem hoje. Ele vai trazer desafios que a gente não vai

conseguir responder e que talvez nossos filhos consigam da mesma forma como nós conseguimos responder a desafios que nossos pais não conseguiram. Mas no entanto, a gente foi preparado tendo em mente um mundo que os nossos professores queriam naquele momento há 20, 30 anos atrás prá eles. E não nos deram instrumentos alguns dos essenciais que eu precisava ter agora. Eu nunca – e olha que estudei nessa escola que é considerada uma das melhores do RJ – em nenhuma aula eu tive um professor que me dissesse que eu ia viver num mundo de epidemias ou que eu ia viver num mundo onde você ia ter que conviver com que lidar com a quantidade de instrumentos e de informação que você tem. Agora, onde a gente via isso? Nos filmes de ficção científica da época. A gente precisa desprezar menos o poder de intuição, o poder visionário da literatura. Isso tem que ser mais um instrumento prá quem tá pensando em educação. Então, voltando a tua questão : o trabalho hoje tá dando certo? Não sei. Eu acho que sim. E eu gosto muito do que faço. E as pessoas que estão trabalhando com a gente, os alunos que tão participando, alguns gostam sim e outros não . Porque que eles não gostam? Não sei. Alguns talvez porque a gente esteja fazendo alguma coisa errada. Ou porque talvez sua sensibilidade esteja voltada prá outras coisas porque mídia e educação não é solução prá todos os problemas de educação porque nem todas as pessoas são iguais, né?

P: Com certeza. Inclusive na minha dissertação o que eu estou tentando analisar é quais são essas atividades que dão certo. Estou analisando em cima da experiência do professor com os alunos com o uso das tecnologias. Então estou assistindo várias aulas em que o professor vai lá , coloca o filme, ou leva prá o computador

Acho assim: Algumas coisas importantes que eu vejo em alguns projetos que a gente faz. O aluno está trabalhando em cooperação? Isso é um dado importante prá viver no futuro. Esse menino tá aprendendo a trabalhar em cooperação e tá sendo desafiado a isso. Ele tá trabalhando com diferentes linguagens. Acho isso importante pois a pessoa tem que ser capaz de navegar em diferentes linguagens e ser capaz de trocar e perceber. Isso é uma coisa que eu percebo que projetos como os que a gente faz aqui tem permitido. Esse menino é levado a ler e escrever: por incrível que pareça: leitura e escrita. Eles têm que escrever e ler muito prá fazer um vídeo ou produzir um site da internet que tenha alguma coisa interessante.

(FITA ACABA)

ANEXO 12

Transcrição da entrevista da Profa. de Filosofia do EM do Colégio Pedro II**P: Como é que foi a idéia desse projetão?**

D: Eu acho que, na verdade, há muitos anos que eu tento fazer um trabalho interdisciplinar aqui na escola, porque eu não acredito, número 1, em trabalhos isolados, número 2, me parece uma loucura, a gente vai fragmentando cada vez mais o conhecimento, os alunos têm 10, 12 disciplinas, o que é uma maluquice, cada um vai lá como se o aluno fosse um armário, abre uma gavetinha, enfia seu conhecimento, o pobre do cara fica enlouquecido, nada tem a ver com nada, então, alguns anos eu desenvolvo pequenos projetos interdisciplinares. Mas como a minha disciplina é uma disciplina nanica, é uma disciplina que tem um encontro 2 tempos uma vez por semana com os alunos, é uma coisa que eu tenho sempre que embarcar na canoa dos outros. Então, alguns anos que eu desenvolvi junto com o departamento de português um projeto de Machado de Assis. Aí eu sugeri alguns anos depois que a gente trabalhasse outra coisa porque eu não gosto muito de repetir as coisas, então durante dois anos ficamos trabalhando Machado de Assis, no outro ano trabalhamos Kafka. E ano passado houve um projeto do Paulo Rogério de trabalhar a peça Calabar. Inclusive eu mudei até o meu projeto de curso para encaixar o século XVII até trabalhei um autor que não estava na minha previsão que era o Spinoza para poder trabalhar Holanda no séc. XVII, o pensamento do séc. XVII porque estava justamente abordando na peça Calabar a chegada dos holandeses no Brasil. Então foi o primeiro grande projeto que a gente desenvolveu reunindo Português, História e Filosofia. Nós conseguimos montar a peça nas 9 turmas de 2ª série, foi assim, um grande sucesso. Foi uma maravilha, foi o primeiro projetão. Aí eu um pouco entusiasmada com isso pensei: puxa, podia bolar um projeto para as novas turmas de 1ª série. Aí fiquei pensando: puxa vida, o que que eu vou pensar que pudesse articular o máximo de disciplinas. Pensei: bom teria que ser um texto que pudesse puxar temas desde a perspectiva da área das ciências, da área de códigos e linguagens e da área de humanas. E aí não sei, aquelas coisas fiquei remoendo, remoendo, passei a mão nos livros na estante e pumba! Claro, Admirável Mundo Novo, é óbvio, porque tem pontos de intercessão especialmente com Biologia, História, a própria Matemática, Inglês, evidentemente e Português. Então, no ano passado, eu pedi para Maria Helena que a gente articulasse a escola não mais em termos de departamento, mas em termos de séries, há muito tempo que venho pedindo isso, porque eu acho muito equivocado as pessoas se reunirem com seus pares do departamento. Porque acho que a gente troca muito pouco. O importante é a gente se reunir com quem tá muito fora...

P: Tem os mesmos alunos...

D: Exatamente. Eu tô interessada em me reunir com o pessoal de História, de Português. O pessoal de Filosofia é outra coisa. Mas para poder trabalhar com a massa de alunos que a gente recebe eu tenho que ter interação com as pessoas que eu tô trabalhando. E não com o camarada que tá fazendo inglês na 5ª série na 6ª e na 7ª. Eu posso otimamente me divertir indo a uma festa, ou indo almoçar com eles. Mas para discutir o projeto de educação, eu tenho que trabalhar com as pessoas que estão com os mesmos alunos do que eu. Isso de uma obviedade única. Aí eu trouxe,

no 1 dia antes de começar as aulas eu trouxe um esboço de proposta de projeto, com alguns temas elencados e para minha surpresa, os departamentos presentes abocanharam o projeto na hora. Ficaram entusiasmadíssimos, algumas pessoas já tinham lido e quem deu muita força foi o departamento de português: a Glória deu muita força. E a Patrícia, mesmo não estando presente, eu passei um e-mail prá ela e ela imediatamente me respondeu e hoje é das pessoas mais ativas no projeto.

P: E aí o projeto a princípio era a leitura do livro...A idéia era o que?

D: É assim: eu conduzo a leitura do livro. Na minha aula eu leio com eles Admirável Mundo Novo. E vários pontos e tópicos serão abordados: Utopia, Biotecnologias, Engenharia Genética, a questão da História, a questão do espaço. As várias pontes com a produção de Shakespeare, muitas passagens. O próprio título de livro é o 1º verso do Tempest do Shakespeare. Então, infelizmente, quem de fato está envolvido no projeto são 3 departamentos.

P: Português, Inglês e Filosofia...

D: Mesmo aqueles que na reunião se propuseram a colaborar não tem efetivamente, nesse 1º mês, participado.

P: É um projeto de longo prazo, né?

D: É um projeto para 1 ano. O objetivo do projeto é 1º : reunir e articular as disciplinas, no sentido de construir coletivamente o conhecimento , ou seja, prá que a gente possa trocar porque eu tenho que aprender muita coisa com o cara de Biologia, com o cara de História. A gente tem que mudar a mentalidade de que o professor é o rei , de que a gente vem aqui para dar aulas, eu acho que a gente está dentro de uma instituição de ensino prá aprender também. Não tô aqui prá apenas preparar e dar aulas. Eu quero trocar com os colegas, eu quero continuar estudando. Então isso é um dos objetivos do projeto: manter a articulação das disciplinas e manter as pessoas estudando. O outro objetivo também é resolver um problema dos alunos, ou seja, os alunos são assim, soterrados de uma tal quantidade de avaliações que no momento que a gente faz um projeto interdisciplinar a gente consegue reduzir, dar uma enxugada nessa catadupa de avaliações que os coitados estão submetidos. Outra coisa também, outro objetivo do projeto é recuperar o que a gente perdeu, que foi a semana da cultura. No 2º trimestre a avaliação do projeto vai ter 50% da certificação em cima de uma coisa que nós chamamos de Feira de Leitura. Quer dizer, leitura, não leitura no sentido mais tradicional, mas leitura no sentido de interpretação de mundo, ou seja, uma feira de interpretação que tem como base, evidentemente as diversas temáticas presentes no livro. Os alunos estão super entusiasmados, tem uns já fazendo maquetes, tem outros já ensaiando peças. Isso vai ser 14, 15, 16 de agosto. A gente vai fazer aproximadamente 60 barracas.

P: Nossa!

D: Sim, porque são 8 turmas

P: Você está pegando todas...

D: Todos! Eu estou trabalhando de manhã, de tarde, de noite.

P: Mas aí esse projeto é só do 1º ano. As outras séries são outros projetos ou não?

D: Eu não sei das outras séries. Eu só tenho 1º ano.

P: Ah, você só tem 1º série?

D: Só? Eu só tenho 9 turmas? Eu só tenho 1ª série?

P: São 9 turmas de 1ª série?

D: São 8 turmas mais ainda dou uma eletiva.

P: Caramba! Eu pensei que fosse um projeto com várias séries.

D: Não.

P: E agora, entrando na questão da mídia. A princípio você pensou no filme, pensou no uso do computador ?

D: Não porque inclusive eu não sabia. Tinham me dito que havia um filme chamado Admirável Mundo Novo. Como eu tenho vinculação com várias videotecas porque eu já fiz um trabalho com cinema, eu pedi a essas pessoas das videotecas que buscassem esse filme. E aí me disseram que não havia o filme. E aí eu disse: como que não havia o filme? Porque me disseram que já viram o filme, não, o filme não existe, o filme não existe. Foi a coisa mais curiosa porque a gente começou a aula na 2ª feira e na outra 2ª feira um aluno me aparece com a fita do filme dizendo: professora, o filme levou 6ª feira na televisão e eu gravei. Então o filme na verdade foi introduzido por mero acaso. Não havia nenhuma pretensão de trabalhar esse filme. Havia sim a pretensão de trabalhar 3 outros filmes: Gartaca, que é um filme que fala sobre engenharia genética, 1984, que é baseado na ficção do Orwell, que é sobre a questão do totalitarismo e um filme do Niasaki, um diretor japonês chamado "Viagem a la Puta" que é um episódio das viagens de Gulliver que o Jonathan Swift foi o 1º camarada a bolar uma contra-utopia. Então Niasaki fez esse filme de animação que ele fez esse episódio que é acho que a 4ª viagem de Gulliver é a ilha de La puta, que é uma viagem muito louca. Ele chega nessa ilha que é controlada por uns sábios cientistas. E esses sábios ficam fazendo as coisas absurdas, totalmente desligados da realidade, como é de fato cada vez mais a ciência, né? E começam a projetar carneiros que tem uma costeleta quadrada que fica mais fácil de dividir. Enquanto isso o país vai à penúria. Esse filme, como o 1984 é uma crítica ao cientificismo e ao positivismo, "Viagem a Laputa" estava previsto como filme, estava previsto "Fahrenheit", um romance também do Ray Bradbury que estava previsto também por conta dessa questão da sociedade do futuro com o desincentivo à leitura. No Fahrenheit, a grande temática é que os livros são queimados, as pessoas não podem ter livros. Esse filme eu tô com dificuldade porque ele não tem com legenda. Eu consegui uma cópia original sem legenda, precisava de alguém que legendasse, aliás se você souber, já que você trabalha com mídia, se souber de alguém que legende filmes...

P: Eu conheço algumas pessoas, depois eu posso até procurar saber.

D: Porque eu não conheço ninguém que legende filmes. Perguntei nas locadoras e ninguém sabe.

P: Tem até um programa específico de computador que facilita. Mas é o que, em inglês?

D: É, é o original.

P: Seria bom prá trabalhar em inglês. Agora, me diz uma coisa, você acha que, no caso, eles leram o livro e assistiram o filme. Você acha que vai ajudar em alguma coisa, que eles vão captar melhor o que vocês pretendem?

D: Olha, o filme tem 2 objetivos: número 1, eles trabalharem a idéia de que a literatura é uma arte e que o cinema é outra forma de experiência artística e que a despeito do filme estar baseado no

livro, ele é uma adaptação, conseqüentemente ele não tem a pretensão de reproduzir o livro, mas é uma criação em cima do livro. Isso é a 1ª coisa que a gente gostaria que eles percebessem. Que o livro não substitui de nenhuma maneira o livro. O objetivo também foi, como o livro é longo, de 18 capítulos para que eles tivessem uma idéia do conjunto da história o mais rapidamente possível porque como é um livro muito grande e eu estou fazendo uma leitura cada encontro, cada semana é um capítulo, eu vou levar 18 semanas no mínimo porque tem uns capítulos mais longos, isso como eu tenho 1 encontro por semana, equivale a praticamente 5 meses de aulas, conseqüentemente o filme veio muito a calhar prá resolver esse problema prá eles terem pelo menos uma idéia global, uma idéia de conjunto da narrativa prá depois a gente poder focar em pontos específicos.

P: E depois disso, vocês vão fazer alguma coisa? Porque parece que Patrícia me falou que vocês iam fazer site, que vocês iam terminar fazendo um site sobre isso...

D: Bom ,tem um site.

P: É feito só com os professores ?

D: Não , não, esse site também tem interação com alunos. Tem uma parte lá que os alunos também vão entrar e depois a gente tá pensando como é que a gente pode partir desses trabalhos que se tem aí e ver como consegue formatar isso para que isso também entre no site.

P: Mas porque vocês tiveram essa idéia de colocar no site?

D: Olha, porque já que a Patrícia teve essa idéia de fazer uma home page, o objetivo seria que todos pudessem compartilhar dessas mesmas experiências. Mesmo os professores que não estavam diretamente envolvidos nesse trabalho, eles podem apreciar os resultados do trabalho.

P: Quer dizer que vocês querem compartilhar, democratizar...

D: Disponibilizar e democratizar a informação.

P: Agora deixa eu te perguntar especificamente com relação à mídia. Você acha que ela ajuda na escola? Você disse que ela ajuda ou a dar uma idéia geral já que o livro vai uma coisa mais demorada. Você acha que com o filme ou o computador o aluno consegue chegar melhor a o seu objetivo?

D: Olha, a minha área tem um traço diferencial. Porque filosofia se faz através da leitura e da análise de textos. Particularmente, eu sou bastante avessa à informática na educação. Já trabalhei com EAD e acho muito ruim, sou radicalmente contrária à EAD, acho que a relação professor-aluno é insubstituível . Mesmo quando exista a EAD com um momento presencial.

P: Mesmo assim, tem interação virtual, através de chats.

D: Acho que não . Especialmente com adolescente eu acho que a relação afetiva é fundamental.

P: Você trabalhou com EAD com adolescentes? Porque geralmente é com adultos.

D: Eu trabalhei com adultos. Era a idéia, eu acabei saindo porque eu vi que aquilo era contrário às minhas posições políticas porque eu acho que é uma forma de você acentuar a exclusão também , então realmente não me interessa muito o uso da informática. Agora, tudo bem que os alunos façam uma pesquisa, mas acho muito complicado você usar o espaço escolar com aulas na informática, né? Honestamente o que eu acho é que tinha que ter, em vez de ficar comprando material de informática, o que eu acho que tinha que ter era um corpo de professores maior. Prá

que a gente pudesse, em vez de mandar o garoto, sei lá, em vez de ter um laboratório com sei lá quantos computadores, ter mais professores prá gente por exemplo ter mais professores para poder dar aulas de apoio. Então, eu sou bastante resistente, tenho muita reserva...

P: Você falou em EAD, mas você trazer o aluno prá fazer um projeto no computador, um site. Você não acha que ali eles vão...

D: Acho que pode servir como uma motivação mais do que nada porque já que eles são aficionados pelo computador é uma estratégia de atração do aluno, mas particularmente eu não tenho muito interesse, mesmo porque eu vejo que cada vez os trabalhos ficam mais massificados, mais copiados, mais empobrecidos quando na verdade eu tenho muito mais interesse que o aluno freqüente a biblioteca, tanto que os meus trabalhos são baseados em freqüência a 3 bibliotecas. Eles trabalham basicamente em biblioteca e fundamentalmente na biblioteca do Banco da Brasil. Os que freqüentam aulas de francês vão a biblioteca da Maison. E alguns usam a biblioteca do Palácio Gustavo Capanema. Eu, pelo contrário, insisto que eles usem o menos possível de material da Internet. Por exemplo, eu faço sempre trabalhos que eu tenho exigência de pelo menos 3 referências bibliográficas. É o mínimo. Se o camarada vai pesquisar 3 fontes só, essas 3 fontes tem que ser 3 livros. Ele pode sim apresentar depois 30 sites, mas ele tem que ter tido contato e trabalhado e lido 3 livros. Eu sou contraríssima essa coisa de passar trabalhos prá ficar fazendo pesquisa pela internet.

P: Eles acabam copiando. Às vezes copiam, recortam e colam.

D: A gente está desincentivando as pessoas à leitura!

P: Se bem que eles estão lendo também, né? Uma coisa que eu estava observando ali na aula da Eliane que ela colocou aquela entrevista dos estudantes com o Tony Blair e o Tony Blair falando, eles na verdade leram páginas e páginas de texto. Mas como era uma entrevista com o Tony Blair, tinha imagem... Se eu desse assim: olha aqui, 10 páginas prá vocês lerem, eles não leriam, você não acha? E no entanto quando eles sentaram e assistiram toda aquela explicação, todas as perguntas, quer dizer, aquela dinâmica, eles ficaram com o olho grudado, até porque era um assunto que interessava a eles, eles são 3º ano, né? A guerra do Iraque e tudo o mais. Então eu pensei : nossa , como eles leram!

D: Eles leram previamente?

P: Não, eles leram só ali. É isso que eu estou te falando. A informação...

D: Eles não leram, eles viram o filme.

P: Viram, era legendado inclusive. Mas o que eu quero dizer é que tudo que estava ali, se você botar num papel, vai dar assim muitas folhas de texto. Eu acho que foi um componente prá facilitar, porque, eu não sei, minha impressão é que os alunos chegam cada vez mais, assim, não assentam, é um desafio para o professor conseguir puxar o aluno...

D: Capturar ele prá pensar...

P: Capturar prá questão do livro, porque o mundo tá muito audiovisual.

D: Por isso que eu tenho muita dificuldade com esse incentivo ao audiovisual, porque a gente não deve incentivar o audiovisual, pelo contrário, porque ele já tem o audiovisual o dia inteiro, a televisão , o computador , eu acho que o nosso trabalho tem que ser em cima do texto.

Gal: Mas nem prá começar, você não acha?

Ingrid: Não. Como motivacional, tudo bem.

Gal: Ou assim, por exemplo, prá ilustrar alguma coisa que você viu.

Ingrid: Isso, isso sim. Mas eu vejo que muita gente, por exemplo, tem colegas nossos que trabalham no audiovisual o ano inteiro. Eu acho lastimável. Lastimável.

Gal: Eu acho que tem que ter um objetivo. Não é chegar lá e por o vídeo.

Ingrid: É você viu que os meninos foram ver um filme e tinham um trabalho totalmente articulado porque que eles estavam fazendo aquele filme. Uma série de questões. Não é uma ou duas questões, eu preparei 32 questões e limpei prá ficar com 23. Deu muito trabalho. É muito mais fácil pegar e mandar um filme e dizer: faça um resumo. Não é por aí.

Gal: Também acho. Tem que ver a forma como é trabalhado. O audiovisual sozinho não vai fazer nada. Tem que ter o professor ali. Acho que é só isso, Ingrid. Obrigadíssima.

(...)

Ingrid: O professor de língua tem no audiovisual um recurso muito maior do que possa ter um professor de filosofia, porque você tem ali não só estrutura de gramática, você tem fonética, acentuação, sotaque, milhões de coisas. Você vê de fato, você tem uma possibilidade de imersão.

Gal: E você tem uma coisa importante: a contextualização. Porque o filme é contextualizado e às vezes na aula, acaba caindo um pouco aquela coisa de você ficar trabalhando fragmentadamente a língua que é uma merda.

Acho que no inglês pelo menos se você mostra umas pessoas dialogando , apontando: que horas são, a outra olha prá o relógio, tudo isso eu acho que é um bom caminho para línguas.

Ingrid: Acho que em línguas, com certeza.

Gal: Acho que também tem isso da matéria, tem a ver com a matéria.

Ingrid: Por isso que a minha posição está muito referida, a minha posição de resistência ao audiovisual, vem até da minha própria disciplina. Provavelmente se eu fosse professora de inglês ou de francês ou de uma língua qualquer , eu teria muito mais proximidade, muito mais interesse em explorar os recursos audiovisuais.

Gal: É o meu caso. Uma vez eu fiz um trabalho em Power Point com meus alunos (etc...)